

Rádios comunitárias na Internet. Usos e novas construções contemporâneas para a produção comunicacional sonora¹

Orlando Maurício de Carvalho Berti²
UESPI – Universidade Estadual do Piauí

Resumo

O trabalho reflete acerca das rádios comunitárias na Internet, um fenômeno crescente no mundo da Comunicação Social brasileira, mas que ainda é pouco explorado na sistematização acadêmica. Tem-se como ponto de partida os usos e as consequências desses processos comunicacionais radiofônicos comunitários via Rede Mundial de Computadores. Discute-se, aborda-se, polemiza-se e teoriza-se acerca do fenômeno. O trabalho tem um percurso metodológico bibliográfico e analítico tendo como principal contribuição a provocação teórica e desafiadora à Academia para abarcar a temática em seus estudos teóricos e teórico-empíricos.

Palavras-chave

Comunicação Social; rádio; rádio comunitária; rádio comunitária na Internet; Internet.

Introdução

Nenhum outro meio de comunicação está tão espalhado no território brasileiro quanto o de rádio comunitária. Esse tipo de emissora diferencia-se dos outros veículos principalmente por suas possibilidades de serem da, na e para as comunidades, tendo importante papel na reflexão, resolução de problemas e formação política e social de agrupamentos minoritários ou historicamente alijados de participação e protagonismo nos meios hegemônicos de comunicação.

No Brasil não há um número exato de rádios comunitárias, já que diariamente abre-se e fecha-se muito dessas emissoras. Tanta instabilidade é causada porque mais de 80% dessas emissoras não são autorizadas a funcionar³.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor, pesquisador e extensionista do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – da UESPI (Universidade Estadual do Piauí – campus de Teresina). Está em fase de conclusão de Pós-doutorado em Comunicação, Cidade e Região na UEMESP (Universidade Metodista de São Paulo – SP). É doutor e mestre em Comunicação Social pela UEMESP, com estágio doutoral na UMA (Universidad de Málaga), em Málaga, Espanha. É vice-presidente da Rede Brasileira de Mídia Cidadã. Desenvolve série de projetos de pesquisa e extensão voltados para estudar rádio, rádio comunitária e tecnologias atuais no Nordeste do Brasil. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br

³ Não há dados completos e censitários sobre o movimento de rádios comunitárias do Brasil. As informações apresentadas foram feitas através de pesquisas de campo e interações com varias entidades que representam as rádios comunitárias no Brasil bem como experiências de mais de dez anos na pesquisa de comunicação comunitária radiofônica executada pelo autor deste trabalho.

Um dos caminhos de manutenção do sentimento comunicacional comunitário de muitos lugares do Brasil, seja rurais ou urbanos, é essas emissoras funcionarem através de mecanismos ainda não proibidos e não coibidos pela afamada, polêmica e temida Lei 9.612/98 que regulamenta o serviço de radiodifusão comunitária no Brasil.

O principal mecanismo contemporâneo é justamente a Internet, já testada, estudada e provada como um instrumento com altíssimo potencial de instigar participação, interação e interatividade.

Mediante os fenômenos expostos apresenta-se o sujeito-objeto desta pesquisa que são as rádios comunitárias na Internet realizando-se uma reflexão acadêmica, mediante práticas sociais e de pesquisa, sobre os usos e novas construções contemporâneas para a produção comunicacional sonora.

O que é esse movimento? Há diferenciação entre uma rádio comunitária no dial e na Internet? Há retroalimentação? Quais as polêmicas? Esses são os questionamentos basilares do trabalho.

Procura-se: discutir, abordar, teorizar e polemizar sobre a temática. Para isso utiliza-se de pesquisa bibliográfica entre autoras e autores contemporâneos sobre rádio comunitária na Internet, rádio e mídia sonora.

O trabalho não é uma tentativa de esgotamento do tema, mas sim uma tentativa maior de polemização sobre um fenômeno premente e ainda não tão estudado pela Academia comunicacional brasileira.

O trabalho é dividido em três momentos. O primeiro, intitulado “*Rádios comunitárias e suas interfaces para as tecnologias atuais*” destaca sobre as perspectivas teóricas do fenômeno em si, notadamente em congraçamento com as tecnologias atuais. Utiliza-se esse termo porque a tecnologia de agora pode não ser tão nova em alguns dias, daí a premência do “atual”. O segundo momento, nomeado “*Webrádios ou rádios na Internet?*”, enfatiza sobre a polêmica conceitual entre o tipo de mídia sonora virtual que está na Internet, deixando-se claro que não se busca apenas estudar a relação da emissora estar na Rede Mundial de Computadores mas sim as consequências desse estar e seu objetivo principal que não é a Internet, mas sim a própria comunidade territorial. A terceira parte, “*Rádios on-line e off-line*” fala acerca dos tipos de rádio na Rede Mundial de computadores e suas interfaces. É necessário destacar esses dois tipos de emissoras na Internet justamente para deixar claro o potencial de um dos principais tipos de emissoras que utilizam a Rede para reverberação de suas ideias e ideais.

1. Rádios comunitárias e suas interfaces para as tecnologias atuais

Um dos grandes fenômenos da Comunicação Comunitária no início do século XXI, com grande expansão, principalmente em sua segunda década, são as rádios comunitárias. Meios cada vez mais presentes nas cidades e comunidades brasileiras. Têm forte poder de interação e representação social, principalmente quando cumprem seu papel coletivo, de verdadeiros meios de Comunicação Social.

1.1 Rádios comunitárias na Internet

As rádios comunitárias surgem também na Rede Mundial de Computadores como contraponto comunicacional, e ainda têm a chance de agregação e potencialização do que é feito pelas rádios comunitárias via dial ou no território das comunidades físicas.

“O rádio mudou a cartilha da imprensa. A televisão mudou a do rádio. Atualmente, a globalização mudou a da cultura e a revolução tecnológica mudou a cartilha de todos os meios de comunicação de massa” (VIGIL, 2003, p.19).

A Internet tem mudado também o jeito de ser e fazer boa parte das rádios comunitárias no Brasil, bem como as emissoras comunitárias ajudam a potencializar o que há de bom na Internet.

Não se parte da idílica impressão de que a Rede Mundial de Computadores é um lugar apenas de bondades, mas se destaca o lado positivo do que acontece nessa rede. As rádios comunitárias têm contribuído para esse lado e, conseqüentemente, têm potencializado suas participações na construção de um mundo mais informado, mais participativo e mais justo.

As rádios comunitárias na Internet são caracterizadas como sendo sem transmissão via ondas, como enfatiza Marcelo Kischinhevsky (2007, p.114), em que o sinal das emissoras vem via *modem*, ondas de Internet, cabo ou satélite.

“O *boom* atual do rádio internauta só foi possível graças ao surgimento da tecnologia RealAudio (som comprimido), um *plug-in* (incremento) para o *browser* (*software* de navegação na Rede) que permitiu a audição de gravações via Internet em tempo real” (KISCHINHEVSKY, 2007, p.115-116). Tempo depois o MP3 popularizou ainda mais essa modalidade, seguido pelo *podcasting* (que é forma de qualquer usuário poder socializar conteúdo sonoro pela Internet).

O rádio via Internet é essencialmente desterritorializado e não-massivo. Permite a recepção a partir de pontos remotíssimos do globo, beneficiando diretamente populações que, por motivos diversos, moram fora de seus países de origem e

que antes só dispunham das limitadas ondas curtas. Ele estabelece uma descontinuidade nas relações entre emissor-receptor, possibilitando o surgimento de audiências assíncronas e a recuperação de programas, entrevistas e especiais que já foram ao ar (KISCHINHEVSKY, 2007, p.116).

Isso é a exacerbação para que qualquer pessoa, grupo social ou outro grupo possa ter uma emissora de rádio sem precisar de concessão. Armando Coelho Neto (2002, p.194) assevera que a Internet traz o mais legítimo exercício de liberdade para as rádios comunitárias. “Fecha-se uma rádio comunitária? Jogue-se na Internet. O provedor nacional não quer? Vincule-se a um provedor internacional. O mundo não tem mais fronteiras, está e a realidade” (COELHO NETO, 2002, p.194).

Nair Prata (2009, p.13-15) traz o debate sobre o rádio ser engolido pela Internet, principalmente por conta da exacerbação das tecnologias atuais e do seu sucesso, tendendo as emissoras a se tornarem mais webrádios (rádios da Internet). O fenômeno das webrádios é explicado justamente não pela rádio estar na Internet, mas por emissoras exclusivamente na Rede Mundial de Computadores.

Conforme Sônia Virgínia Moreira (2001, p.16 e p.20), a ocupação da Internet por emissoras de rádio já é um fenômeno consolidado desde o fim do século passado. Além do espaço virtual, as transmissões de áudio digital compõem o futuro do rádio no mundo. “A propagação do áudio na forma de arquivos pela rede mundial de computadores foi uma consequência direta das pesquisas voltadas para o desenvolvimento do rádio digital” (MOREIRA, 2001, p.16).

Acrescente-se que Sonia Castro Escalante (2007, p.49-50) também utiliza o termo rádio comunitária na Internet. Ao contar o exemplo boliviano, a autora enfatiza que as emissoras decidem estar na Rede Mundial de Computadores como uma questão de prestígio, para também manterem suas credibilidades para com os consumidores da informação. “É possível experimentar com outras formas de informação e expressão que vão mais além do som radiofônico e incorporar, portanto, novos conteúdos” (CASTRO ESCALANTE, 2007, p.50, *tradução nossa*).

Eduardo Meditsch (2007, p.45) reflete acerca das mudanças radiofônicas com o advento da Internet, e cita reflexões de Marshall McLuhan e Pierry Lévy. Estes destacam o rádio como a oitava arte, justamente pelo potencial comunicacional e midiático que tem, mas chamam a atenção para a escassez sobre estudos de rádio e essas temáticas. Contudo, apesar de ser entusiasta da Internet, Eduardo Meditsch (2007) acredita que rádio só seja emissora radiofônica se for via ondas sonoras.

2. Webrádios ou rádios na Internet?

Há um ponto muito polêmico em termos conceituais para saber se as emissoras que estão na Internet são webrádios ou rádios propriamente ditas em ambiente da Rede Mundial de Computadores. O ponto reside notadamente em polêmicas da própria Academia e de estudiosos e estudiosas do fato do que uma verdadeira preocupação comunitária sobre o fenômeno ou nomenclaturas do mesmo.

Destaca-se que o objetivo fim e a marca teórica escolhida não é a emissora que esteja apenas no mundo da virtualidade mas como essa virtualização e seus processos comunicacionais ajudam, instigam e polemizam as vivências da emissora para suas comunidades territoriais, mesmo que alguns desses membros não estejam no ambiente em que a rádio esteja instalada fisicamente.

Então para que uma emissora esteja na Internet ela precisa existir em ambiente físico. Esse é um dos primeiros pontos da diferenciação para as webrádios, que são emissoras exclusivamente a funcionar na Rede Mundial de Computadores.

Nair Prata (2009, p.58-60) assinala que a rádio na Internet é diferente, principalmente porque, balizada em vários autores, as rádios podem ser hertzianas (através de ondas – as do dial); e as emissoras na Internet, que chama de Webrádio, também chama de modo hertziano com presença na Internet.

A Webrádio também pode ser considerada a emissora radiofônica apenas com presença na Internet, inclusive com vários recursos tecnológicos, notadamente destacados com a presença de ferramentas, chamando a questão dos gêneros e da interação.

Os estudos sobre rádios comunitárias na Internet ainda são tímidos e iniciais no Brasil, principalmente porque o fenômeno ainda é nascente.

Mas também não é só em território brasileiro que as rádios comunitárias na Internet ainda são novidades em termos de popularização e aceitação no movimento, mas também em países da América Latina, principalmente porque a retroalimentação dessas emissoras, via ambientes físicos e virtuais, ainda é vista com desconfiança por uma parte dos que fazem o movimento e também por parte da própria Academia, que deveria estar atenta com o processo comunicacional, benéfico ou não. Acredita-se que, na virtualidade, as lutas do ambiente físico terminam perdidas e deixadas de lado.

Acredita-se também que, na virtualidade, as lutas são mais volúveis, principalmente por não haver um enfrentamento direto com o *status* do poder dominante, criando-se um ativista de teclado que, na verdade, não estaria diretamente ligado com as causas

comunitárias. Essa é uma possibilidade, mas que não tira as outras possibilidades mais socializantes do potencial das rádios comunitárias na Internet. Mas escolhe-se o ambiente de retroalimentação, principalmente para finalidade social do trabalho de mídia sonora desse tipo de emissora.

Há diferenças em relação às emissoras territoriais, principalmente porque funciona em outro ambiente, a virtualidade.

Uma rádio comunitária na Internet é a transposição do que ocorre no ambiente físico para um ambiente virtual, potencializando o alcance da emissora territorial, porque, em um ambiente físico, a rádio comunitária só pode ser escutada em espaço territorial delimitado, principalmente pelos preceitos da Lei 9.612/98, que é a legislação que regulamenta o serviço de radiodifusão comunitária no País e tem uma série de empecilhos ao funcionamento físico de uma emissora, mesmo ela estando legalizada.

Além disso, existem os pontos congruentes, ligados a uma integração de quem faz parte da comunidade, mas, por algum motivo, fisicamente não está presente nesse ambiente.

Em uma sociedade cuja realidade está altamente centralizada e informatizada, onde os meios privados e públicos de comunicação são poder e estão a serviço do poder, as rádios comunitárias surgem ante a necessidade e o direito de toda pessoa individual ou coletiva de expressar livremente opiniões, criticar e oferecer alternativas em tudo aquilo que lhes afete direta ou indiretamente (TORRES, 2011, p.11-12).

Fred Ghedini (2009, p.89-90) tenta resgatar a história das rádios comunitárias na Internet no Brasil, e destaca que, em 1998, já ocorrera transmissão durante 48 horas seguidas, pela Rádio Favela, de Belo Horizonte (MG),⁴ de evento do 3º Fórum 2000, que reuniu comunicadores comunitários de Minas Gerais⁵. Esses exemplos mostram o quanto é importante a emissora usar novos espaços.

Outros pontos de utilização também residem nessas emissoras ajudarem os membros da comunidade que estão temporariamente fora dela como viajantes, migrantes temporários, migrantes fixos ou até novos membros da comunidade que utilizam outras maneiras de escutar a rádio além do sistema tradicional via dial. A Internet possibilita essa interação, bem como beneficia o próprio território.

⁴ A rádio Favela, hoje autorizada a funcionar como emissora educativa, é um dos exemplos mais emblemáticos do Brasil pela luta de uma verdadeira rádio comunitária.

⁵ No ano seguinte, a mesma emissora também fez transmissões pela Internet de outros dois eventos, o Dia Nacional de Combate ao Racismo (em 21 de março) e de uma transmissão em Power Point (software de apresentação de slides). A Internet foi muito utilizada para a transmissão de redes de programas e outras atividades mais sociais. Nair Prata (2009, p.67) destaca como uma das ações pioneiras de rádios na Internet a Rádio RUI (Rádio Uirapuru de Itapipoca), no Ceará, conhecida por rádio “muda” por não ter áudio, apenas textos.

3. Rádios *on-line* e *off-line*

As rádios comunitárias na Internet também podem ser *on-line* e *off-line*, principalmente em sua forma de estarem presentes em suas transmissões ou protocolos na Rede Mundial de Computadores.

As terminologias “on” e “off” vêm dos termos da língua inglesa que traduzidas podem ser entendidas como ligada (no caso “on”) e não ligadas, ou desligadas (no caso “off”).

As rádios comunitárias na Internet *on-line* são caracterizadas também por terem transmissões de forma simultânea entre suas plataformas territoriais e virtuais. Além de estarem na rede, também proporcionam outros canais de interação.

Elas ainda se subdividem entre as *on-line* apenas para retransmissão do sinal territorial e ainda as que estão *on-line* e retransmitem esses sinais, bem como ainda têm outros canais de participação, interação e interatividade, como é o caso dos links, das enquetes, dos murais, além de sua retroalimentação com redes sociais como Facebook,⁶ Orkut,⁷ Flickr,⁸ Twitter,⁹ YouTube,¹⁰ Google+¹¹ e Fousquare.¹²

Por sua vez, as rádios comunitárias na Internet *off-line* são caracterizadas por apenas garantir seu lugar no ciberespaço; ou seja, têm um site na Internet, ou então um blog, mas não utilizam esse espaço para transmissão de programação, apenas como forma institucional de resguardar um espaço na virtualidade, provavelmente para em um futuro transmitirem programação ou então para terem garantia de endereço eletrônico ou para a execução de projetos futuros.

Quando as emissoras de rádio comunitária estão na Internet, aumentam seu potencial para os processos comunicacionais comunitários, principalmente pela multiplicação de usuários e de consumidores dessa informação. Sai-se do ambiente territorial para interagir com a virtualidade e suas potencialidades. Uma mesma mensagem exacerba no ambiente territorial, a partir do momento em que é lançada pela Internet atinge milhares de outras pessoas, algumas de forma intencional e outras por meio do anarquismo que é a Rede. Muitas vezes são pessoas da própria comunidade territorial que estão

⁶ Disponível em: <http://www.facebook.com>

⁷ Disponível em: <http://www.orkut.com>

⁸ Disponível em: <http://www.flickr.com>

⁹ Disponível em: <http://www.twitter.com>

¹⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com>

¹¹ Disponível em: <http://www.google.com>

¹² Disponível em: <http://www.foursquare.com>

distantes do lugar, por isso a integração proporcionada pelas emissoras também na virtualidade deve ser levada em conta.

Estando na Internet as emissoras de rádio comunitária terminam por cumprir o que foi preconizado por Bertold Brecht na década de 1930 (*apud* PRADO, 1989, p.17):

A radiodifusão poderia ser o maior meio de comunicação já imaginado na vida pública, um imenso sistema de canalização. Isto é, seria, se fosse capaz não apenas de emitir, mas também de receber; em outras palavras: se conseguisse que o ouvinte não apenas escutasse, mas também falasse, que não permanecesse ilhado, mas relacionado.

Com a Internet aumenta a possibilidade de retroalimentação nesse processo, a partir de maior participação ativa dos sujeitos nos processos comunicacionais das rádios comunitárias na Internet.

Marcelo Kischinhevsky (2007, p.78) fala de uma nova categoria no processo comunicacional radiofônico, o receptor-emissor, que interage com as mensagens veiculadas e ainda se faz ouvir de forma imediata e por um público amplo. Esse novo sujeito tem aguçado espírito crítico e é “cada vez mais vacinado contra mensagens nocivas dos meios de comunicação” (KISCHINHEVSKY, 2007, p.82).

São pontos positivos das rádios comunitárias na Internet as possibilidades que essas emissoras trazem em termos de participação.

A partir do momento em que ampliam os canais participativos, há maior alternativa de reverberação para a comunidade, inclusive trazendo elementos antes alheios ou distantes (principalmente quem não conseguia acompanhar a programação no dial). A partir de que mais membros coadunam pensamentos há maior possibilidade de convergência de ideias e ideais.

Outra vantagem é que as rádios comunitárias, a partir do momento em que estão na Internet, transformam-se em novos canais de espaço comunitário, ajudando em vivências, reclamações, cobranças e até na agregação entre membros da comunidade física (com membros de outras).

É notória a participação virtual (por causa de maior tempo de utilização da Rede Mundial de Computadores), e tende, se bem utilizada e com estratégia, a trazer novos e positivos elementos para a comunidade. Essas emissoras também podem vivenciar e promover a retroalimentação de quem está no espaço territorial para com o espaço virtual.

Aponta-se como pontos desfavoráveis das rádios comunitárias na Internet a não visualização dos sujeitos no processo e o caráter anárquico da Internet, o que pode possibilitar apenas uma sensação de comunitarismo. Por isso a retroalimentação é importante, e o trabalho da Internet não é fim no processo comunicacional, mas um meio de agregar e não de levar e deixar os membros da comunidade no ciberespaço.

Assinale-se que o trabalho dessas emissoras também é de fundamental importância, não só para o contexto social tradicional, mas também para uma nova geração, chamada de infoantenada,¹³ que, por mais que muitas vezes esteja infoexcluída, consegue fazer seus malabarismos de acompanhamento das tecnologias atuais e, conseqüentemente, tem forte penetração no fazer e agir sobre questões comunicacionais comunitárias. Essa nova geração também é chamada de nativos digitais, ou os que nascem já com a usabilidade das tecnologias atuais.

“Mesmo com as facilidades de informação disponíveis em sistemas de comunicação globalizados como na Internet ou nas futuras transmissões de áudio digital, o perfil dos ouvintes tende a continuar local, ainda que com uma inserção global” (MOREIRA, 2001, p.23).

Giuseppa Spenillo (2004, p.249-251) alerta principalmente para que as tecnologias atuais utilizadas para fins comunitários não apenas individualizem, como é uma tendência natural do processo, mas que também comunitarizem.

Para que as comunidades populares possam rever o lugar de receptores que lhes tem sido conferido em nossa sociedade e, assim, chegarmos a uma condição de real democracia, em que os elementos necessários para produzir comunicação) e não só consumi-la) estejam realmente à disposição de todos, é preciso empenho dos comunicadores para levar às camadas populares o arsenal de recursos tecnológicos a serviço da comunicação e, mais do que isto, trabalhar em prol de encontrar e fazer serem usados os recursos comunicacionais locais, variados e ricos (SPENILLO, 2004, p.251).

As comunidades, inclusive as mais tradicionais, são desafiadas a evoluir sobre o que têm consumido comunicacionalmente. Mesmo a comunicação no território sendo a tônica da comunicação comunitária, o estar antenado e conectado com as tecnologias atuais é de fundamental importância, até para acompanhar o que está ocorrendo no momento, e suas respectivas sociabilidades e também em termos globais.

¹³ A geração infoantenada, neologismo criado para destacar as pessoas que estão conectadas através da informática e também sempre conectadas com as novidades tecnológicas. Na atual conjuntura, os infoanteados são os mais jovens e os que têm maior possibilidade de conhecimento. Conseqüentemente, na Sociedade do Conhecimento são os que têm maior oportunidades no mundo atual, que exige familiaridade com as tecnologias na maior parte das funções.

Considerações e pontos a serem polemizados e refletidos

Mas além de estarem na Internet, uma preocupação também do movimento brasileiro de rádios comunitárias é justamente a digitalização dessas emissoras. E digitalizar não significa apenas prover de equipamentos novos e caros, mas também de continuar a promover cidadania, participação, interação, interatividade em nome de uma verdadeira Comunicação Social.

Vale lembrar que, após o processo das emissoras de TV, as rádios brasileiras também terão de passar por tal procedimento, inclusive as comunitárias. Digitalização significa melhoria nos padrões de transmissão e, principalmente, ter novos canais de participação na própria transmissão do dial.

Destaca-se também que permanece a polêmica sobre o modelo de digitalização do rádio brasileiro. Mesmo havendo entre 2011 e 2012 um grupo de trabalho para estudar o padrão, até o segundo semestre de 2016 esse modelo ainda não tinha sido decidido e implementado por completo. Institucionalmente o Ministério das Comunicações do Brasil (2016) ressaltava e publicizava que a digitalização representa:

a oportunidade de desenvolvimento mais adequado de políticas públicas governamentais. Além do melhor aproveitamento do uso do espectro de radiofrequências, a nova tecnologia irá promover a ampliação da cobertura do serviço de rádio no território nacional e realização de ações de cidadania com alcance em áreas mais isoladas do País.

A digitalização do rádio vai também permitir uma nova oportunidade de negócio para as emissoras, que terão à sua disposição um serviço com qualidade de áudio superior e a possibilidade de transmissão de dados adicionais.

Além da qualidade do som, a tecnologia digital vai permitir que os rádios tenham uma tela para receber textos e imagens. Técnicos do Ministério das Comunicações e do Inmetro já testaram os modelos americano e europeu e vão analisar os resultados para que o Brasil possa definir qual padrão será adotado no país

Essa perspectiva é representativa porque denota que ainda não foi realizado a transição por completo. “O que está acontecendo com a transição tecnológica no rádio é uma repetição, piorada, do que ocorreu com a escolha do padrão japonês para a TV, quando o governo cedeu às pressões das grandes emissoras” (GHEDINI, 2009, p.86).

Para tanto, o mesmo autor (p.87) trata mais duas linhas de preocupação: a *primeira* de impedir que a transição tecnológica termine por inviabilizar as emissoras locais; a *segunda*, para a utilização de tecnologias mais baratas, como a Internet e o celular, para ampliar possibilidades de acesso à informação, e ainda a democratização da comunicação para as comunidades.

Um dos paradoxos sobre a digitalização das rádios brasileiras e, principalmente, envolvendo as emissoras comunitárias, é que com a Internet ganhando espaço e também sendo plenamente utilizadas ferramentas de participação e interação: realmente é necessária essa digitalização?

Boa parte das rádios, principalmente as emissoras comunitárias, é acessada por dispositivos móveis (celulares e tablets) e não mais por dispositivos tradicionais.

Ou apenas, assim como tem se visto com as emissoras de televisão, é uma jogada comercial para a venda de mais aparelhos e para o financiamento público da troca de equipamento das grandes emissoras; ou seja, uma modernização das emissoras comerciais à custa de dinheiro público e, conseqüentemente, dos mesmos membros das comunidades cujo qual as emissoras de rádio territoriais estão inseridas?

Questões que o tempo e as experiências irão responder, mas que o movimento brasileiro de rádios comunitárias, a Academia (universidades, grupos de pesquisa e de extensão) incluída, não pode deixar passar despercebido, sob o risco de as rádios comunitárias evoluírem em quantidade, qualidade e participação, inclusive em ambiente virtual, mas deixadas de lado nas transmissões tradicionais no dial. É um fenômeno premente, principalmente quando levado em conta o poder do digital e suas conseqüentes sociabilidades contemporâneas.

O digital pode não ser a sonhada solução democrática para as rádios comunitárias, mas a Internet, entremeio a digitalização, traz novas sociabilidades e comportamentos, principalmente para a função básica das emissoras comunitárias que é servir a comunidade.

Referências

CASTRO ESCALANTE, Sonia. **Las ondas de la radio y el arte de la radiodifusión**. Cochabamba: Verbo Divino, 2007.

COELHO NETO, Armando. **Rádio comunitária não é crime**: direito de antena: o espectro eletromagnético como um bem difuso. São Paulo: Ícone, 2002.

GHEDINI, Fred. **Nas ondas sonoras da comunidade**: a luta pelas rádios comunitárias no Brasil. São Paulo: Ação Educativa, Global, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda**: convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular/UFSC, 2007.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DO BRASIL. **Rádio digital**. Disponível em: <<http://mc.gov.br/radio-digital>>. Acesso em: 23.jul.2016.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Tecnologia e legislação para o rádio no Século XXI**. In: BIANCO, Nélia R. del; MOREIRA, Sônia Virgínia. Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

SPENILLO, Giuseppa. **Comunicação comunitária e novas tecnologias**: por uma formação profissional em busca da cidadania. In: COGO, Denise Maria; PERUZZO, Cícilia Maria Krohling (Org.). Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara, 2004.

TORRES, Bruno Araújo. **Rádios comunitárias**: necessidade de se reinventar. Recife. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.